

A DOR DA NÃO DOR

Michael Eigen,¹ New York

meeigen@yahoo.com

Michael Eigen enviou o presente artigo em resposta a um convite da *Ide*. Não é apenas sobre um caso particular, mas como sempre, é o “play”, ou seja, de uma brincadeira que exercita a mente do psicanalista. Assim, é apresentado um diálogo entre Eigen e ele mesmo. Afinal, todos os casos clínicos são, de certa forma, personagens fictícios por mais comprometidos que estejamos com a realidade.

Resumo: Muitos momentos são dolorosos, mas há também a dor de não sentir dor. Walt expressa essa falta e lesão que tocamos com várias nuances, tais como o vazio do positivo-negativo, a falta de nós mesmos escravizados por nós mesmos, a morte comendo a vida e um momento de vida que a morte não pode comer. Compartilhamos a sensação de nossas psiques tocando juntas dimensões libertadoras, incluindo o momento inaugurado pelas batidas do tambor.

WALT – Eu venho aqui para – finalmente me ocorre algo mais – o que me ocorre é que eu tenho vindo te ver porque eu não sinto dor.

EU (esperando calmamente, olhando com expectativa)

WALT – Eu vejo esse olhar. Um olhar que eu detesto desapontar, mas eu não vou deixar que interfira no meu caminho.

Há alguma coisa que precisa ser dita, mas eu não tenho certeza de como dizer ou quão real é dizer isso. Mas isso é uma parte, não consigo sentir dor por não saber o que é real e o que não é.

EU – Até mesmo a dor de não saber se o que estamos fazendo é real ou não.

WALT – Isso chega bem próximo. Chegando perto.

EU – E quanto à dor física?

WALT – Esta não é a questão. Dor física é dor física. Se eu cair e arranhar o meu joelho eu irei sentir. Se eu me espetar com um alfinete eu irei sentir. Mas esse tipo de dor não quer dizer muita coisa.

EU – Dor emocional?

1 Psicólogo e psicanalista, é clínico e professor adjunto de psicologia no Programa de Pós-Doutorado em Psicoterapia e Psicanálise na Universidade de Nova York e membro sênior da Associação Nacional de Psicologia em Psicanálise. Autor de 30 livros e diversos artigos, dentre eles: *Toxic nourishment, The psychoanalytic mystic, Feelling matters, Flames from the unconscious e Bits of Psyche*.

WALT – Chegando mais perto, mas não completamente. Quando digo que odeio esse seu olhar ou odeio desapontá-lo eu não estou particularmente dentro disso. Sai automaticamente de um vazio de mim. Eu estou vivendo a vida vazio de mim mesmo.

EU – A dor da não dor?

WALT – Conheço pessoas que passam a vida acreditando que o ódio é a emoção básica e que a bondade é falsa. O bom é uma ilusão e o mal é o básico. Quando os vejo falar eu penso que o mal é melhor do que o nada. Mas se eu sentisse aquele ódio eu duvidaria de sua realidade. Não há nenhuma certeza sobre a realidade. As pessoas até questionam se a morte é real embora deva ser. Não se trata do fato da morte ou do fato da vida e não é sobre *saber* o que é real ou não. É outra coisa.

EU – É ser real, realmente ser real?

WALT – Sim. É realmente ser real. Não apenas se livrar da falsidade. A falsidade também pode ser real.

EU – Nós estamos num impasse? Como chegamos a ser reais?

WALT – Eu penso na palavra vazio novamente. Como se pode se esvaziar da dor de não ser real, da não dor?

EU – Há tantas nuances e formas de vazio. E grandes categorias como o vazio positivo e negativo.

WALT – Neste momento eu os vejo juntos, um hífen entre eles: o vazio positivo-negativo.

EU – Um vazio que cria e um vazio que destrói...

WALT – E todas as suas combinações. Mas nada disso resolve o meu problema embora o toque.

EU – Por alguma razão me veio uma fala da minha infância. Pode ser totalmente irrelevante, uma distração.

WALT – Diga-me.

EU – “Ame a Deus com todo o seu coração, alma e força”. Está tanto no antigo como no novo Testamento.

WALT – O amor pode ser falso. Tudo isso tem a ver com liberdade ou sujeição a Deus?

EU – Você tem uma sensação muito viva de ambos. Não de um ou do outro.

WALT – Bem, está na hora de eu ir para casa e eu estou tão travado como sempre – mas não totalmente. Tem alguma coisa na conversa com você sobre essas coisas que faz algo dentro de mim. É difícil dizer o que. Mas eu quase gostaria de dizer que se não for real é pelo menos estético. Este tipo de experiência também é frustrante, mas tem um tipo de beleza especial.

WALT e EU – Até a semana que vem.

* * *

Então aconteceu algo, espontâneo, desconhecido, mas real, real o suficiente de certa forma para o momento. Vou deixar o Walt contar, uma semana depois quando ele se preparava para me visitar.

WALT – Eu ouvi isso pela primeira vez quando estava me preparando para deixar meu apartamento para vir aqui. Devia estar a um ou dois quarteirões, batidas de tambor. Alguém tocando, praticando. Quando eu saí e subi o quarteirão o som se tornou mais alto, constante. O tambor bate no meu corpo. Era como se as batidas tivessem um corpo, o coração bate, o corpo bate, senti como uma outra forma de circulação que me fazia me sentir permeável de uma forma boa, um alívio. Que alívio sentir a vida vindo até mim de fora tocando a vida dentro de mim sem que eu sinta medo, preocupação ou machucado. Eu mal posso acreditar nisso. Um momento precioso. Eu espero que ele consiga definir a minha vida. Tanto da minha vida foi vivida em horror e agora um momento em que o horror não consegue me atingir. Eu gostaria que você pudesse ouvir isso, mas como eu digo, eu suspeito que você tem a sua própria batida profunda. Eu falo profunda, mas é mais do que profunda, ela atravessa muitos níveis e lugares. Eu sinto isso na minha pele também.

Eu tenho conversado com você sobre como a morte come a vida, a minha vida. E agora um momento de Vida que a morte não consegue comer. Tambores na cidade, batidas de vida – um outro tipo de comida, uma alimentação insuspeita. Eu tenho estado tão vazio de mim e agora algo que falta está despertando. Eu tenho sido um escravo da minha ausência e ...

EU – [ficamos sentados em silêncio por um tempo] Penso em como conseguimos ser escravizados por nós mesmos e, como Walt diz, pelo nosso self perdido. Podemos passar a vida sentindo falta de nós mesmos, ou como Walt sugere, sentindo minha falta. O que falta torna-se tirânico.

WALT – Eu me pergunto se vir aqui tem algo a ver com ouvir as batidas dos tambores. Eu realmente nunca os ouvi antes. Por que agora? Esqueça essa pergunta. Há bons acidentes também.

EU – E pode ser que nos encontrarmos seja um bom acidente.

WALT – Eu sinto isso crescendo à medida que falamos.

Tradução de Mariana Eizirik e Patricia Schoueri

Revisão técnica de Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci